



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

**Luiza Possamai Kons**

**Chèche Lavi:**  
as histórias de quatro famílias haitianas no sul do Brasil

**RELATÓRIO TÉCNICO**  
*do Trabalho de Conclusão de Curso*  
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*  
ministrada pelo Prof. Fernando Crocomo  
no segundo semestre de 2016  
Orientadora: Profa. Flávia Guidotti

**Florianópolis**  
**Novembro de 2016**



À Nahomie Laureore e todos seus irmãos de terra.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Neide Maria Possamai e Jovêncio Kons por tornarem essa experiência possível. À minha irmã Sarah Possamai Kons, e minhas amigas Carol Nascimento, Elva Gladis, Larissa Gaspar, Miriam Irinéia, Samantha Sant'Ana e Nahomie Laureore por estarem sempre dispostas a me ajudar. À Arlete Conte, Giovanna Leira e Grazielle Moura por me acolherem. À Juliano Mion pelas dicas essenciais para a edição das fotos. À Elian Woidello por ter *respirado* esse projeto comigo. À orientadora Flávia Guidotti por sempre me incentivar e confiar no meu trabalho, e aos demais professores do curso de Jornalismo UFSC pelos ensinamentos. E à todas as famílias haitianas, de sangue ou de alma, que persistem em seus sonhos.

Nosso andar é um grito estacionado.  
Por cada passo, um dia que transcorre.  
Por cada palavra, mil palavras que vocifera a prole.  
Que será de nós depois dessa longa travessia?  
*Nada permanece tanto como o choro,*  
(extraído de *dezoito poemas*, Jacques Viau)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é um livro foto documental sobre a história de quatro famílias haitianas que vivem nas cidades de Florianópolis, Xaxim, Curitiba e Palotina. Com o terremoto de 2010 e com as difíceis condições de vida no Haiti, desde 2011 o Brasil vem fornecendo um visto especial por razões humanitárias, que permite que haitianos sejam legalizados e possam trabalhar formalmente no país. Em novembro de 2015 os Ministérios do Trabalho e da Previdência Social e da Justiça assinaram um ato que concedeu a residência permanente para 43.781 imigrantes haitianos que chegaram ao país entre o período de janeiro de 2011 e julho de 2015 e que ainda estavam em situação irregular. Dentro dessa problemática é levantada a questão que norteou a realização deste trabalho: quais são as condições de vida desses haitianos e suas perspectivas? O projeto de livro foto documental, com 42 fotos (em média dez por família), propõe uma reflexão sobre essa temática valendo-se de fotografias dos seguintes aspectos: (1) do dia-a-dia das famílias haitianas em diferentes lugares: em casa, no trabalho, na escola, na igreja, no lazer; (2) da cultura haitiana presente nas rotinas das famílias.

**Palavras-chave:** Jornalismo; identidade; fotodocumentarismo social; Haiti; histórias de vida.

## SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO DO TEMA .....	9
1.1 Históricos da imigração no Brasil e na Região Sul .....	10
1.2 Histórico de Migração no Haiti .....	13
2 JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO .....	17
3 PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	22
3.1 Pré-Apuração.....	22
3.2 Apuração/ Fotografias .....	23
3.2.1 Formato e Estrutura Narrativa.....	33
3.3 Edição/Finalização .....	36
4 RECURSOS .....	41
4.1 Equipamentos .....	41
4.2 Outros .....	41
5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	45





## 1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

Este Trabalho de Conclusão de Curso, em livro foto documental, se propõe a contar a história de quatro famílias haitianas que vivem respectivamente nas cidades de: Xaxim, Palotina, Florianópolis e Curitiba. O objetivo desse trabalho é mostrar por meio do acompanhamento dessas famílias quais são suas condições de vida e perspectivas. Em novembro de 2015 os Ministérios do Trabalho e da Previdência Social (MTPS) e da Justiça assinaram um ato que concedeu a residência permanente para 43.781 imigrantes haitianos que chegaram em situação irregular no período de janeiro de 2011 a julho de 2015. Apesar disso, de acordo com dados do próprio Ministério do Trabalho o número de haitianos com carteira assinada no Brasil é de 18,7 mil, para um total de 65 mil os quais teriam chegado ao território nacional entre o período de 2011 e novembro de 2015 conforme dados informados pela Polícia Federal.

Desde 2011 imigrantes haitianos começaram a ser recrutados por empresários catarinenses, na fronteira entre Brasil e Peru, para trabalhar em serviços de limpeza, operações portuárias, serviços de logística e construção civil.

Do total de haitianos que chegam ao sul do Brasil, o Paraná é o estado que mais recebe imigrantes do Haiti, sendo 19% oriundos da capital haitiana, Porto Príncipe. Santa Catarina responde por 8% e Rio Grande do Sul por 13%. Até setembro de 2014 o Paraná era o quinto estado brasileiro que mais havia recebido imigrantes no país (por visto humanitário ou não). No entanto, o fluxo migratório começou a mudar. Em 2014, a Polícia Federal (PF) recebia uma média de 60 haitianos por dia em Curitiba, em 2015 o fluxo não chegou a 20.

Já em 2016 percebe-se uma migração de haitianos do Brasil para outros lugares, principalmente para o Chile e para os Estados Unidos. De acordo, com uma notícia publicada em 8 de maio de 2016, no jornal *Folha de São Paulo* “para fugir da crise, haitianos trocam o Brasil pelo Chile” (PRADO, 2016, n.p.). Conforme publicado na matéria, os funcionários das duas empresas de ônibus que fazem o trajeto São Paulo-Santiago notaram desde o final de 2015 o aumento nesse fluxo. Outra notícia publicada pelo mesmo veículo, em 1º de novembro de 2016, enfatizava o fato de o governo estadunidense ter contatado o Brasil para que o país recebesse 700 haitianos que estavam em situação regular em território brasileiro, com visto humanitário ou residência permanente (MELLO, 2016, n.p.). A Agência de Controle de Fronteiras informou que há por volta 2.600 haitianos presos em San Diego, estado da

Califórnia, e outros 3.500 se aproximam da fronteira. Estima-se que a maioria tenha saído do Brasil.

Para Cavalcanti (2015) os movimentos migratórios estão dentro de uma perspectiva atrelada às variantes internacionais as quais levam países caracterizados pela imigração a se modificarem em pouco tempo. O autor afirma que:

Além disso, alguns países observam o crescimento, nas suas cidades e estados, da chamada "cultura de emigração" e, em alguns casos, passam a ter seus PIBs diretamente dependentes das remessas dos emigrantes. Outras áreas do planeta se tornaram lugares de trânsito ou países de acolhida para populações migrantes. (CAVALCANTI, 2015, p.35)

Dentro desse contexto de mudança no fluxo migratório haitiano e de instabilidade econômica para aqueles que permanecem no Brasil, é que me propus a produzir um livro foto documental o qual conte e mostre as histórias de vida de quatro famílias haitianas residentes nas cidades de Florianópolis, Xaxim, Curitiba e Palotina.

### **1.1 Históricos da imigração no Brasil e na Região Sul**

O processo de imigração no Brasil foi consolidado a partir de 1808 com um Decreto assinado em 25 de novembro o qual permitia a concessão de sesmarias para estrangeiros que residissem no país. Para Seyferth “esta providência foi tomada visando atrair para o país parte dos europeus que procuravam novas oportunidades na América” (1990, p. 9). Vindos nesse contexto, os europeus assumiram uma postura de colonizadores nos territórios brasileiros e assim a coroa poderia criar núcleos coloniais e instaurar uma agricultura camponesa de policultura para abastecer latifundiários escravistas. Para que tal medida fosse efetiva foi lançado um Decreto em 16 de maio de 1818, em que a coroa aprovava um conjunto de favores aos imigrantes europeus, dentre esses: doação de lote rural; transporte gratuito; sementes; e ajuda em dinheiro nos primeiros anos.

Antes disso o Brasil já tinha recebido alguns imigrantes europeus e muitos africanos escravizados, a maioria deles para trabalhar, como mão de obra nos engenhos de açúcar. Entre 1576 e 1600 desembarcaram em portos brasileiros mais de 40 mil africanos escravizados; no quarto do século seguinte (1601- 1625) esse valor saltou para 150 mil escravos que desembarcaram nas terras da colônia para trabalhar nos canaviais e engenhos.

Santa Catarina e Paraná são estados formados por imigrantes dentro da política de terras anteriormente citada. Dentre os colonizadores estão italianos, ibéricos, eslavos, germânicos e outros grupos étnicos. Tal onda migratória foi descrita como:

A necessidade de garantir áreas próximas das fronteiras e proteger terras dos ataques de índios. As camadas hegemônicas, instalando o imigrante em pequenas propriedades em certas áreas, usam-no para manter ou conquistar terras que assim também passam por um processo de valorização (PETRONE, 1987, p. 260).

Atualmente o Brasil possui um novo processo migratório, com os chamados novos imigrantes: aqueles que chegam em meados da primeira década do século XXI. De acordo com o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000 havia 683.830 imigrantes residentes no Brasil. Já na primeira metade da década, dados do *Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros* (SINCRE), órgão ligado ao Ministério da Justiça, em 2006 haviam 1.175.000 estrangeiros vivendo no Brasil em situação regular. Em 2015, segundo o cadastro da Polícia Federal, o número de imigrantes era de: 1.189.947 permanentes; 595.800 temporários; 45.404 provisórios; 11.230 fronteiriços; 4.842 refugiados; e 51 asilados.

Nesse montante encontram-se europeus (principalmente portugueses e espanhóis) vindos em decorrência da crise econômica na Europa, ganeses, senegaleses, refugiados sírios, imigrantes de países do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) e outros países sul americanos (um movimento mais antigo) e uma significativa presença de haitianos.

Contudo, os imigrantes atuais tem um papel diferenciado em relação ao antigo grupo de imigrantes europeus: encaixam-se dentro de um contexto periférico e, por isso, muitas vezes são encarados com preconceito.

Dentro do panorama de imigração atual destacaram-se notícias sobre ônibus chegando com vários imigrantes haitianos e senegaleses (os últimos em menor número) aos estados de Santa Catarina e do Paraná, despertando a atenção do poder público para a questão de acolhimento:

Desde a madrugada de segunda (25), ônibus com senegaleses e haitianos chegam à capital catarinense vindos do Acre. Na primeira leva, vieram 25 senegaleses e 18 haitianos. Na noite de segunda, também chegou outro ônibus, com mais nove haitianos. Na madrugada de quarta, outro ônibus parou e 31 imigrantes desembarcaram. (G1 SANTA CATARINA, 2015)

O debate não é propriamente novo, pois com o terremoto no Haiti em 2010 começaram a vir os primeiros grupos para o Brasil. Dos cerca de 200 imigrantes haitianos e senegaleses que chegaram a Florianópolis no primeiro semestre de 2015, apenas 15 permaneceram na cidade. A maioria dos que saíram de Florianópolis deslocou-se para trabalhar na Mesorregião do Vale do Itajaí e no oeste do estado de Santa Catarina.

Em território paranaense os haitianos são contratados para trabalhar principalmente na construção civil. O *Plano Estadual Paraná Migrante e Refugiado*, publicado em 2014, aponta que o estado abriga 5 mil haitianos e que 2,5 mil residem na capital paranaense.

Contudo nota-se um fluxo diferente do que ocorreu em 2011. Se há cinco anos imigrantes haitianos começaram a ser recrutados por empresários catarinenses na fronteira entre Brasil e Peru para trabalhar, hoje eles tem saído do Brasil em direção principalmente ao Chile e Estados Unidos. O Sol Diário, em reportagem publicada em 19 de agosto de 2016, mapeou os movimentos migratórios feitos pelos haitianos.

A saída é feita em grandes grupos. Hoje, 100 haitianos que viviam em Balneário Camboriú embarcam no Aeroporto de Navegantes, rumo a São Paulo. Na próxima terça, outro grupo também partirá. Da capital paulista, irão até o Acre, onde se dividem. Há os que voltam para casa, os que tentam a sorte em países da América Central e os que arriscam uma longa e perigosa viagem até os Estados Unidos, que pode levar até dois meses. (SPAUTZ, 2016, n.p.).

De acordo com Jean Samuel Rosier, haitiano e mestrando em economia na UFSC, muitos saem em direção ao Chile para juntar dinheiro e posteriormente irem para os Estados Unidos. As principais motivações para a saída do Brasil são o desemprego e a alta no dólar. Porém existem outras explicações como a manifestada por Samuel Jean-Baptiste, em texto publicado na rede social Facebook em 11 de outubro e intitulado “Por que os Haitianos estão saindo do Brasil? Você quer saber? Conheçam a história deles”:

Você compra um visto por um preço alto ou pagou 5000 dólares US a um coioote não é para ficar desempregado e sofrendo, não é verdade? Como as coisas não saíram como esperado, desde 2011 muitos Haitianos, desgostados do Brasil, foram para a Guiana Francesa. Outros foram para Estados Unidos passando por México e muitos outros países latinos. A crise financeira, o desemprego, o racismo e os preconceitos, a queda do real frente ao dólar, o domínio da língua portuguesa, a falta de integração na sociedade, a violência racial e a imagem ruim que a imprensa Brasileira apresenta os Haitianos, são alguns dos motivos pelos quais os Haitianos não querem mais ficar no Brasil. Um bom exemplo das imagens ruins criadas pela imprensa Brasileira é Gugu Liberato e Luciano Huck, esse último apresentou em rede nacional que os Haitianos comem ratos que saem dos lixões por falta de comida. (JEAN-BAPTISTE, 2016)

As palavras de Rosier estão presentes na boca de outros haitianos que reclamam das difíceis condições de vida em nosso país. Se pararmos para conversar com algum haitiano, bastam alguns minutos para notarmos que muito precisa ser feito afimde que eles possam ter condições dignas para morarem em nosso país. Vejamos, como exemplo da clara exploração que vários haitianos sofrem, o caso de Fils Nine, da Associação de Haitianos de Nova

Erechim, que relata ter que trabalhar 11 horas por dia em um frigorífico, sendo que a lei brasileira determina uma jornada máxima de 8 horas diárias.

## **1.2 Histórico de Migração no Haiti**

Ocupando cerca de um terço dos 75.000 km<sup>2</sup>, da ilha de Hispaniola, que partilha com a República Dominicana, a República do Haiti possui 27.750 km<sup>2</sup> (tamanho equivalente ao estado brasileiro de Sergipe) e está localizada no arquipélago das Grandes Antilhas, no Caribe.

A parte oeste da ilha de Hispaniola foi a colônia francesa mais rica durante os séculos XVII e XVIII, contribuindo com um quarto da riqueza francesa. Nessa época as terras eram utilizadas para a produção de açúcar e possuía mais de 40 mil agricultores trazidos do Senegal e de Dohoney (atualmente Benin).

Os africanos foram trazidos e escravizados depois que os nativos povos aruaques, que habitavam a ilha antes da chegada dos franceses, foram praticamente exterminados pelos colonizadores. Diamond (2006, p. 402) salienta que o grupo de indígenas aruaques era estimado em mais de meio milhão de indivíduos e que após a colonização restaram menos de 3 mil nativos.

Com a ocupação francesa da parte oeste da ilha de Santo Domingo (antigo nome do Haiti), cedida pela Espanha em 1667, houve a junção do francês falado pelos proprietários de terras e os dialetos africanos, dando origem ao idioma créole. Atualmente, Francês e créole são as línguas oficiais da nação haitiana. O créole tornou-se idioma oficial em 1961.

A escravidão dos negros, que representavam 80% da população, durou 130 anos e só foi interrompida com uma revolta liderada pelos ex-escravizados Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe. Télémaque (2012, p.8) salienta que depois de 12 anos de conflito foi proclamada a Constituição e de uma República independente.

Como resultado dessa revolta e de mais dez anos de luta, o Haiti se tornou a primeira e única nação negra a conquistar a independência de um país, também foi a primeira colônia livre das Américas. Tal decreto foi proclamado oficialmente em 1º de janeiro de 1804, dez anos depois que a escravidão havia sido abolida, em 1794.

No entanto, a independência não significou tranquilidade para a nova república que se formava na América. Existia o temor de que a escravidão fosse retomada, afinal, o Haiti estava muito próximo a outras ilhas colonizadas e ao lado leste da ilha de Hispaniola, que ainda pertencia à coroa espanhola. Desse modo, algumas medidas extremas foram tomadas

pela população, como a de massacrar todos os franceses que estavam no território e destruir todas as plantações. Tal atitude mostrou-se um fracasso ao longo dos anos, acabando por dizimar a economia do país, que passou de uma das mais prósperas colônias da América à tornar-se a mais pobre.

Sendo um país tão frágil economicamente e estando geograficamente próximo de uma grande potência, como os Estados Unidos da América, o Haiti acabou sofrendo com a ocupação estadunidense de 1915 a 1934. Dentre as medidas tomadas pelos Estados Unidos estavam o desarmamento dos camponeses e a quebra de um preceito que não permitia a aquisição de terras por estrangeiros.

Mesmo com a saída das tropas americanas a violência continuou a ser o mecanismo utilizado para a conquista do poder. Quando o médico François Duvalier, mais conhecido como Papa Doc, assumiu a presidência em 1957, democraticamente, porém com apoio dos EUA, a população esperava que ao fim de seu mandato as eleições democráticas continuassem, mas não foi o que ocorreu. Depois de sete anos no poder o presidente declarou seu cargo como vitalício e governou até falecer, em 1971.

Para manter o sistema ditatorial, Papa Doc conseguiu unir-se a diversos setores como o eclesiástico, as oligarquias e a burguesia. Também criou uma milícia policial baseada no voluntariado para garantir e proteger o poder. Mesmo com o apoio do governo estadunidense, a partir de 1960, a produção de café e açúcar do Haiti foi decaindo.

Assim, quando seu filho Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, assumiu o governo, as bases para manter o regime estavam consolidadas, e foi nesse período que surgiram várias denúncias acerca de violações dos direitos humanos.

Depois de mais de 30 anos de ditadura, surge em 1986 a figura dos governos provisórios que definitivamente não conseguem ajudar o país, seja economicamente ou socialmente. Em 1988, Leslie Manigat vence as eleições, mas fica no poder apenas alguns meses, o General Henry Namphy ligado à Baby Doc efetua um golpe de estado e, a partir desse momento, a história do país é marcada por uma série de golpes e reviravoltas. Em 1990 novamente ocorrem eleições democráticas com a vitória de Jean- Bertrand Aristide, que toma posse em 1991 para pouco tempo depois ser deposto em outro golpe de Estado, efetuado por militares e grupos de elite do país.

É nesse período que os primeiros grupos de haitianos migram em massa para fora do país, principalmente para o Canadá e costa da Flórida. A guarda costeira americana acredita que nessa época mais de 42 mil haitianos tenham entrado nos EUA. O enorme contingente de pessoas saindo da ilha em direção aos EUA fez com que o país intervisse para conter a

violência nas ruas e a violação dos direitos humanos. Então, em parceria com as Nações Unidas e com a Organização dos Estados Americanos, foi criada a International Civilian Mission in Haiti que esteve no país até 1994, quando foi expulsa.

As denúncias do antigo presidente Aristides sobre o aumento da violência continuaram a ser feitas, e ele passou a ser considerado por apoiadores como uma espécie de “pai dos pobres”. Como não houve qualquer melhora no quadro do país ou no cumprimento de medidas democráticas, o Conselho de Segurança das Nações Unidas fez sua primeira intervenção nas Américas. Pela primeira vez um presidente deposto voltaria e terminaria seu mandato. Em 2001, Aristides acabaria voltando à presidência, sendo afastado em 2004 em circunstâncias desconhecidas.

De acordo com dados do Banco Mundial de 2013, vivem no Haiti cerca 10,32 milhões de pessoas e Télémaque (2012) calcula que mais de 2 milhões estão fora do território nacional. O banco central brasileiro estima que em junho de 2014 os haitianos enviaram para fora do país 111 milhões de dólares, aproximadamente 200 dólares por mês enviados para suas famílias. Diante dos fatos destacados acima, é fácil perceber porque o Haiti é marcado por um histórico de migrações.

Um fluxo antigo é o de haitianos que migram para a vizinha República Dominicana para colher cana de açúcar. Cuba também conta com uma comunidade com mais de 80 mil haitianos (COLLECTIF HAITI DE FRANCE, 2012), que foi a primeira grande onda de migração, ocorrida no século XIX, ligada à produção de açúcar.

Quando locais como Guadalupe, Miami e Guiana precisaram de mão de obra houve mais deslocamentos, mas, foi com o agravamento da situação econômica do país e uma política de restrição nos anos 70 e 80 que ocorreram fugas maciças da população. Dessa vez, pessoas envolvidas com movimentos políticos como estudantes, professores e intelectuais saíram do país por não concordarem com a ditadura.

Depois, com o fim do regime, o principal motivo das migrações em massa passa a ser a extrema pobreza causada pela falta de iniciativa econômica. Nesse momento, vários agricultores em estado de extrema miséria cruzam por terra a República Dominicana e muitos migram para a Flórida. Hoje existem haitianos vivendo por toda a América, Europa, Ásia, África e Oriente Médio e juntos são responsáveis pelo envio de mais de 2 bilhões de dólares para seu país de origem.

Os principais países que nos recebem são os Estados Unidos (mais de 1 milhão) e Canadá (cerca de 150 mil pessoas). Entre estes estão República Dominicana e Cuba respectivamente, e depois a Europa. No relatório regional da Comissão Internacional

da Migração (ICMC, 2006), consta que entre 2005 e 2006, 10,5 mil haitianos “fugiram” do país em busca de melhores condições: 4 mil deles refugiaram-se na Europa e muitos outros na América do Norte. (TÉLÉMAQUE, 2012, p. 25).

Outra forte motivação para a migração em massa foi o terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010 que deixou mais 220 mil mortos e 2,3 milhões de desabrigados. O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) contabilizou que mais de 180.000 casas desabaram ou foram danificadas e que 105.000 foram completamente destruídas. Em 2014, a Anistia Internacional divulgou que 171.974 pessoas permaneciam em campos de desabrigados no Haiti.

A imigração de haitianos para Brasil se intensificou depois do terremoto. O Brasil começou a criar ligações mais próximas com a ilha do Caribe a partir do mandato de Minustah, a Missão de Paz em operação no Haiti, comandada pelo Brasil desde sua criação em 2004.

Somando-se a esse episódio esteve presente a política do então Presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva, de demonstrar solidariedade e ajuda para que o Haiti conseguisse desenvolver-se e manter-se longe de guerras e conflitos. Para isso foram feitos diversos projetos como: a construção da usina hidrelétrica do Rio Artibonite, no sul do Haiti; o gerenciamento e gestão do lixo na capital Porto Príncipe, projeto desenvolvido junto com o Banco Mundial; projetos que incentivam a prática de esportes; construção de hospitais de campanha para o exército; e a construção de cisternas para manter a água potável para a população.

A própria propaganda do crescimento econômico do Brasil e a enorme quantidade de empregos disponíveis, associadas a episódios como o jogo da seleção brasileira em Porto Príncipe, no ano de 2004, despertou o interesse dos haitianos pelo país verde e amarelo.

Inicialmente vários haitianos solicitaram refúgio com base no Direito Internacional dos Refugiados previsto na legislação do Brasil, porém, como nem o Direito Internacional e nem a lei brasileira vigente no Conselho Nacional de Refugiados (CONARE) eram suficientes para que não ocorressem perseguições, criou-se um visto específico por razões humanitárias, que além de proteger os imigrantes, também garantia que os haitianos pudessem trabalhar e obter todos os direitos previstos na Consolidação das Leis do Trabalho.



## 2 JUSTIFICATIVA DO TEMA E DO FORMATO

O sonho de construir uma vida mais estável, e com melhores condições financeiras para ajudar a família não se concretizou para muitos dos 65 mil haitianos que chegaram ao Brasil entre 2011 e 2015. Sabe-se que muito haitianos se submetem a longas jornadas de trabalho que excedem as 8 horas diárias. O trabalho exaustivo é necessário para muitos que já chegam no Brasil com dívidas, pois gastaram suas economias para saírem de Porto Príncipe, fazer a travessia do Peru e do Equador para chegarem ao Acre.

Paralelamente a isso, o mito de que a sociedade brasileira é acolhedora desfaz-se quando, por exemplo, esses imigrantes não conseguem ser contratados para cargos compatíveis com o nível de experiência que possuem em determinadas áreas, ou ao terem atendimentos negados no Sistema Único de Saúde do Brasil. Outro desafio enfrentado são as situações de racismo, como na notícia divulgada pelo jornal paranaense Gazeta do Povo no dia 19 de outubro de 2014, que dizia: “Desde julho, 13 trabalhadores do Haiti denunciaram espancamentos sofridos dentro de empresas em que trabalhavam, em Curitiba” (AINIBAL, 2014, n.p.). Os relatos descritos na reportagem apontam violências graves, como um haitiano ter sido espancado por pedir para os colegas pararem de o chamar de “macaco”. Diante disso, conforme já citado, muitos haitianos estão migrando em direção ao Chile e aos Estados Unidos.

Esse novo fluxo de migração reflete-se nas próprias extinções das Associações Haitianas. A Associação da cidade de Chapecó, por exemplo, no oeste de Santa Catarina, não existe mais porque seu criador, quem efetivamente articulava politicamente a mesma, Jean Innocent Monfiston, voltou para o Haiti depois de viver por mais de três anos com a família no Brasil.

As Associações Haitianas que ainda persistem no sul e no restante do país, como forma de garantir os direitos de seu povo no Brasil, lutam para serem regularizadas, dentro de um contexto onde as próprias leis brasileiras precisam mudar: o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/80) é obsoleto, tendo sido criado em uma época em que a preocupação do estado era a segurança nacional e assim, avaliavam os estrangeiros como potenciais inimigos da nação. Ainda que exista um projeto aprovado em 2013 pelo Senado instituindo uma Lei de Migração que substitui o antigo Estatuto e tenta proteger os imigrantes, a sociedade brasileira ainda

possui um longo caminho para um acolhimento digno àqueles que chegam em situação de vulnerabilidade social.

Diante de todo o panorama apresentado acerca do histórico de migração haitiana e dos problemas enfrentados por esse povo, a fotografia documental me pareceu ser a melhor forma de mostrar a trajetória de famílias que, em meio a todas as dificuldades, ainda persistem vivendo no sul do Brasil.

Desde sua criação a fotografia adquiriu um caráter de documentação e foi, aos poucos, substituindo o trabalho desenvolvido por pintores e gravuristas em expedições científicas. A curiosidade pelo desconhecido levou os fotógrafos que surgiam a desbravar o mundo. Forin Júnior e Boni (2007) consideram que, pelo fato de a fotografia conter inúmeras informações, ela pode ser transformada em objeto de estudos ou fontes de pesquisa.

Nesse sentido, o olhar do fotógrafo consegue eternizar, através de imagens, momentos históricos e tradições culturais impossíveis de serem reproduzidas meramente com a fala, ou com o texto escrito.

Como todo signo, a fotografia está no lugar de algo. Ela representa uma realidade porque tem a particularidade de registrar a imanência dos objetos do mundo. Toma um recorte do real num instante preciso e o eterniza. Ela é uma prova inquestionável do acontecimento, no local e momento do click. (FORIN JÚNIOR; BONI 2007, p.4).

São as sequências de fotos advindas das primeiras expedições realizadas por fotógrafos nos Estados Unidos e de curiosidades etnográficas, na documentação da conquista do oeste, que Sousa (2000) considera como o início do fotodocumentarismo, que tem por objetivo registrar um fato de modo atemporal.

Tratando-se de fotodocumentarismo, é necessário que o fotógrafo faça uma incursão prévia na temática a ser tratada, antes dos registros fotográficos. Esse conhecimento prévio sobre o assunto permite que ele estabeleça um contato mais próximo com suas fontes e possa deixá-las mais à vontade frente ao aparato fotográfico.

Boni (2008) salienta que o trabalho fotodocumental difere do fotojornalismo diário justamente pelo planejamento e controle de todas as suas etapas de produção (pré-produção, produção e pós-produção). O fotodocumentarismo, portanto, é um trabalho realizado à longo prazo, com planejamento e conhecimento prévio sobre a temática a ser abordada.

Dentre as diversas vertentes do fotodocumentarismo está a de denúncia social que vai registrar assuntos relacionados ao humano e ao ambiente. Esse tipo de trabalho está além da estética fotográfica, sua principal preocupação é em alterar determinado *status quo*,

denunciando problemas, sejam eles relacionados a aspectos da natureza (desmatamentos, massacres de animais, terremotos etc.), ou as chamadas mazelas sociais (miséria, preconceito contra determinadas etnias, violência urbana etc.). Acredito que o formato fotodocumental venha ao encontro dos objetivos deste trabalho, já que, como afirma Barthes, a imagem possui uma característica bastante apelativa e simbólica.

Como a fotografia é contingência pura e só pode ser isso (é sempre alguma coisa que é representada) – ao contrário do texto que, pela ação repentina de uma única palavra, pode fazer uma frase passar da descrição à reflexão –, ela fornece de imediato esses “detalhes” que constituem o próprio material do saber etnológico (BARTHES, 1980, p. 49).

Ao realizar uma reportagem para o site Cotidiano UFSC com a colega Nahomie Laurore sobre os atuais fluxos migratórios que chegam à Florianópolis, conheci mais de perto questões relacionadas à imigração. Dentro desse percurso acabei fazendo amigos haitianos, como a própria colega de reportagem, e me encantei por suas histórias de vida.

Por meio dos relatos desses haitianos logo notei que existia uma carência de trabalhos fotodocumentais que mostrassem de modo mais aprofundado o que ocorre com essas pessoas no Brasil, para além das imagens de notícias que procuram reafirmar dados como o apresentado pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) que aponta 30.000 haitianos vindos para o Brasil entre 2010 e 2014.

Já de início percebi o quanto esses imigrantes valorizam a educação e a própria cultura. A primeira descoberta que me impressionou na fase de “apuração” foi notar que vários desses haitianos, que assumem cargos compatíveis com o ensino fundamental, possuem nível superior e, ainda assim, existe uma negação por parte da sociedade brasileira em empregá-los dentro de cargos que sejam compatíveis com sua formação. É importante observar que o mesmo não ocorre com imigrantes europeus.

Talvez essa constatação esteja alinhada ao que foi dito pela antropóloga Glaucia Assis na entrevista para a reportagem citada, quando ela tenta explicar os motivos pelos quais os brasileiros têm dificuldade de aceitar a vinda de haitianos para o território nacional: “Tem uma dificuldade da sociedade acolhedora em os aceitar. Porque o que os torna visíveis é o fato de ser uma população negra que fala francês e inglês e que tem muito orgulho de sua história”.

Ocorre que dentro dessa “dificuldade” de aceitação por parte da sociedade estão presentes situações que vão em sentidos opostos aos direitos humanos. Em um seminário sobre Migração Contemporâneas e Direitos dos Trabalhadores, ocorrido na Assembleia

Legislativa do Estado de Santa Catarina (ALESC), ouvi depoimentos assustadores acerca das condições de vida de imigrantes, tais como a dificuldade do acesso à saúde pública, desde mau atendimento até a sua negação, contrato de trabalho em português e falta de esclarecimento dos direitos dos trabalhadores do Brasil.

Vários haitianos também comentaram situações de racismo, que desconheciam em seu país, como terem sido chamados de “cachorros pretos” ou de serem tratados com excessiva desconfiança. O vice-presidente da associação de haitianos de Itajaí, Bélenque Dieudonné, relatou que cartórios de Itajaí se recusaram a fazer casamentos entre haitianos legalizados, sob a alegação de que haitianos só poderiam realizar o matrimônio com brasileiros.

O critério para a escolha do município de Xaxim no oeste de Santa Catarina foi baseado no fato de existir um grande número de haitianos no oeste do estado, que foram contratados, principalmente, para trabalhar em frigoríficos da região. A Ordem Leigos Franciscanos de Xaxim estima que existam no município de 27 mil habitantes, cerca de 500 haitianos. De acordo com dados da Associação dos Haitianos de Chapecó, inativa atualmente, em 2015 existiam entre 2 mil e 2,5 mil haitianos na região.

Já em Florianópolis poucos continuam a residir na cidade por se tratar de uma capital focada no funcionalismo público e no turismo. Dos poucos que moram na ilha existe um grupo de haitianos que estudam na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Vieram por meio de um programa do governo criado para jovens que precisavam concluir seus estudos e foram dificultados pelo terremoto de 2010. Retraturei a história de três desses estudantes (Nahomie Lourore, Sandra Sanon e Jean Samuel Rosier) para fazer um contraponto ao senso comum de que os haitianos vem ao Brasil somente para trabalhar em vagas não ocupadas.

Quanto ao município de Palotina, no oeste do Paraná, de 28 mil habitantes, onde também existem vários frigoríficos, quis verificar se as condições de vida desses imigrantes eram parecidas com as condições dos haitianos localizados no estado de Santa Catarina, uma vez que ambos tiveram uma colonização marcada por imigrantes europeus. Também quis verificar a questão do racismo e do desemprego.

Em relação à capital paranaense, Curitiba, o critério norteador da pauta foi mostrar a situação desses imigrantes na maior capital do sul do país, com 1,8 milhões de pessoas, e onde residem 2,5 mil haitianos, em um contexto marcado por alguns casos de xenofobia e espancamentos registrados contra haitianos.

Trazer os fotografados como aqueles que contam a própria história é uma forma de reafirmar a relevância da imigração haitiana dentro da dinâmica da sociedade brasileira, conforme assinalado por Munteal e Grandi, “um elo entre o personagem e sua história individual e coletiva, resgatando da memória visual a expressão de seu universo” (2005, p.13). Assim, esse livro foto documental encaixa-se dentro de uma perspectiva de memória histórica, especialmente relevante quando se analisa as afirmativas documentais de dois estados marcados pela colonização europeia. Outro aspecto que foi privilegiado no livro foi a visibilidade das mulheres haitianas residentes no Brasil, pois apesar do fluxo ser eminentemente masculino, 80% são homens, dificilmente elas estão presentes nos eventos que discutem questões imigratórias, ou dentro das próprias associações haitianas.

Diante dos fatos apresentados e da carência de materiais que apresentem o modo de vida desses imigrantes no Brasil, para além de dados estatísticos busquei responder a seguinte questão: quais são as condições de vida desses haitianos e suas perspectivas?

### 3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

#### 3.1 Pré-Apuração

A pré-apuração foi iniciada durante o primeiro semestre de 2015 e seguiu-se na disciplina de Técnicas de Projeto em Comunicação no segundo semestre de 2015. No primeiro semestre daquele ano, entrei em contato com a dinâmica dos atuais fluxos migratórios que chegaram a Florianópolis ao realizar uma reportagem para o site Cotidiano UFSC com a colega Nahomie Laureore. Nessa reportagem pude adentrar nas questões relacionadas à imigração na cidade.

Depois de entrevistas, artigos lidos e notícias publicadas em veículos locais, percebi que quando o assunto era imigração não havia nenhum material mais aprofundado que trouxesse a rotina e o modo de vida dessas pessoas para além de números e dados. Já no decorrer da disciplina iniciei a pesquisa para averiguar como era a dinâmica de migração dos haitianos em outros locais dos estados de Santa Catarina e Paraná. A partir disso selecionei as cidades onde realizaria o trabalho para iniciar o processo de contatar as possíveis fontes.

Porém, ao iniciar os contatos prévios encontrei uma dificuldade: haviam pessoas que até aceitariam participar do trabalho, mas não sabiam por quanto tempo estariam naquela cidade ou mesmo se continuariam no país. Por exemplo, no caso pontual da cidade de Curitiba, em janeiro deste ano eu havia acordado com um músico haitiano que vivia há três anos na cidade e trabalhava de segurança. Amos Saint Juste tinha aceitado que eu fotografasse ele e sua família, no entanto, depois de vários contatos e antes de os fotografar, eles decidiram voltar para o Haiti.

Este trabalho de apuração prévia também faz parte do trabalho foto documental, porém sem as fotografias e tendo como objetivo um livro fotográfico, ele torna-se um trabalho em vão. Lombardi destaca a importância de todo este trabalho de pré-apuração com a seguinte afirmação:

O trabalho fotográfico documental geralmente começa a ser desenvolvido a partir de um projeto elaborado, que requer algum tipo de apuração prévia, estudo, conhecimento e envolvimento com um tema. A fotografia documental se refere, portanto, a projetos de longa duração, que não sejam apenas o registro momentâneo e *de passagem* sobre determinado assunto (LOMBARDI, 2008, p. 43).

Então, durante essa pré-apuração, pude perceber que, embora tenha buscado estabelecer vínculos meses antes de realizar o trabalho fotográfico, a permanência dos haitianos em território nacional é mais instável do que imaginava.

### **3.2 Apuração/ Fotografias**

As fotografias foram realizadas durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2016. Iniciei o projeto pela cidade de Palotina, no oeste do Paraná. Não existem estimativas do número de haitianos que vivem no município de 28 mil habitantes, mas boa parte trabalha ou trabalhou na Cooperativa Agroindustrial C. Vale que possui 7.471 funcionários.

Antes de iniciar o processo fotográfico em si, procurei conversar com haitianos que viviam no município para entender em qual dinâmica estavam inseridos. Na primeira semana de agosto estabeleci os primeiros contatos. A princípio conversei com um grupo de cinco haitianos homens que viviam no mesmo terreno. Dois deles trabalhavam na C. Vale e os outros três estavam desempregados. Ali encontrei um ambiente de desconfiança em relação ao trabalho. Eles relataram que estavam cansados de verem seu país ser retratado pela mídia brasileira como um lugar miserável onde todas as pessoas eram pobres e que os brasileiros pensam que eles são “burros”. Três deles disseram que não aceitavam ser fotografados porque não sabiam como essas imagens seriam utilizadas. Notei, por parte de um deles, o medo intrínseco de que o fato de se expor poderia resultar em ele não conseguir emprego, uma vez que recentemente ele tinha perdido o trabalho na C. Vale.

A próxima etapa foi entrar em contato com a Igreja de Deus Missão Monte das Oliveiras no Brasil 1ª Igreja Haitiana (Morog), formada por haitianos e com cultos realizados em crioulo. O primeiro contato se deu por telefone com o Diácono Elysée Monjoie que se mostrou bastante receptivo. Marcamos uma conversa para o outro dia de manhã na frente do salão da igreja, localizada na região central de Palotina. Minha ideia, a princípio, era fotografar uma família que frequenta-se a igreja e que tivesse algum dos membros trabalhando na C. Vale. O Diácono me informou que o melhor dia para estabelecer esse contato seria no domingo de manhã, quando a maior parte dos cerca de 70 fiéis frequenta a Igreja.

No domingo de manhã, ao adentrar o culto da Morog era como se não estivesse no Brasil. As camisas coloridas dos homens do coral e as saias pretas e blusas vermelhas das mulheres chamavam a atenção. A divisão de mulheres de um lado com lenços na cabeça e

homens do outro lado eram um convite a simetria fotográfica. A câmera fotográfica utilizada durante essa etapa e todo o decorrer do trabalho foi a Nikon D300s, com uma única lente da mesma marca de 50 mm e f1.8, bem como um cartão de 32 Gb.

Observei por algum tempo antes de iniciar as fotografias. Talvez devesse ter assistido uma cerimônia e ter usado outro momento para acionar o disparador, quando já tivesse escolhido a família que faria parte do trabalho, mas a cena toda era um convite e as pessoas não se mostravam retraídas e sim curiosas com aquela estranha que estava ali.

O Diácono disponibilizou um “tradutor” para que pudesse entender o que se passava na cerimônia. Jean Miteran Barheur, 24 anos, faz parte da Morag e é primo da mulher de Elysse. Durante a cerimônia traduziu trechos do ritual. Como Barheur trabalha na C. Vale e vive com o irmão que é casado e tem dois filhos, todos vivendo no Brasil, o considerei uma boa personagem. Além disso a barreira da língua estaria facilitada, uma vez que ele já vivia há dois anos no Brasil e já conseguia falar o português com mais desenvoltura do que a maioria dos fiéis da igreja.

Ao final do culto expliquei todo o trabalho e o convidei para participar. Ele aceitou. No dia seguinte fui fotografá-lo na cooperativa, no setor de incubação de ovos, onde trabalha. Optei por chegar sem entrar em contato anterior com a cooperativa ou com o setor de RH, pois isso burocratizaria o processo e poderia atrasar as fotografias.

Depois de alguma insistência e explicando que não levaria muito tempo para obter as imagens me deixaram entrar, com a condição que preenchesse um relatório, que passasse pelo mesmo processo de higienização que os funcionários do setor e que me vestisse com a roupa apropriada fornecida pela empresa.

Durante os mais de 40 minutos que estive dentro do setor de incubação fui acompanhada por um supervisor. A primeira dificuldade encontrada foi a baixa luz, por isso foi necessário utilizar o ISO 800; depois foi conseguir uma boa imagem enquanto Barheur deslizava as prateleiras onde os ovos seriam armazenados. Procurei fotografar o mais rápido possível para não atrapalhá-lo durante seu trabalho e não pude deixar de notar um certo desconforto dele pela situação.

O setor de incubação fica em um complexo industrial da C. Vale afastado da cidade, onde há outros setores, como o abatedouro de aves. Os funcionários da empresa são levados e trazidos da cidade até o complexo. Decidi então esperar Barheur para podermos conversar mais e tirar fotos suas dentro do veículo. Não tive dificuldades para realizar o trajeto junto com os funcionários. Durante o caminho percebi um sentimento de tristeza e logo Barheur



desabafou que anda descontente com o Brasil, que ele considera um país muito complicado e que quer voltar para o Haiti. “Não tenho nenhum amigo que queira vir para cá”.

Fiquei de entrar em contato por telefone com ele no outro dia para que pudesse fotografá-lo com sua família, em casa, e também para “expandir” a história com os outros familiares, contudo, ao realizar a ligação, Barheur me disse que era praticamente impossível ter todos em casa e que seria melhor que ligasse outro dia. Notei pelo seu tom de voz que não estava muito disposto a continuar com o trabalho. Nesse momento, várias indagações vieram à minha mente: será que tinha forçado a situação e ele tinha se sentido coagido? Será que ele entendeu realmente a proposta do trabalho?

Para esclarecer a situação passei seu número a uma colega haitiana para que conversasse em crioulo e perguntasse como Barheur se sentia em relação ao trabalho e se tinha compreendido a proposta. A resposta foi que sim, e que aceitava ser fotografado no trabalho e em outros ambientes, mas que não gostaria de ter sua casa e família expostas.

Respeitei sua decisão e não insisti, uma vez que objetivo desse trabalho não era o de coagir ninguém que não estivesse disposto a participar. Ao contrário, para haver fotos que reflitam a vida da personagem nos diversos âmbitos de sua rotina, é necessário haver uma boa relação entre fotógrafo e fotografado.

Porém, como nem sempre é fácil entrar em empresas do setor agroindustrial, e por ter conseguido realizar imagens com boa qualidade, não queria deixar de aproveitá-las. A solução encontrada foi registrar a vida do Diácono que desde o princípio se mostrou receptivo e confortável com a câmera. Como duas semanas antes Elysée vivia na mesma casa que Jean, e os dois sendo próximos, percebi que poderia conectar as histórias.

A situação do Diácono representava aspectos pontuais do que tinha encontrado na vida dos haitianos em Palotina e também em outras cidades do sul do Brasil, era, portanto, relevante como história de vida a ser contada. Sem trabalhar há mais de três meses, vivia com o primo Roberto Majolin, 32 anos, e a irmã Marie Clemie Monjoie, 32 anos. Na época em que estivemos em contato, fazia apenas três meses que o primo estava no Brasil e a irmã um mês, e nenhum dos dois fala português. Essa foi uma característica que notei nas outras cidades também: os que chegam mais recentemente, já vem com destino certo e para viver com algum outro membro da família.

Outra questão que percebi, mais especificamente em Palotina, foi a falta de empregos. Para Elysée a crise fez com que várias obras da construção civil fossem suspensas. Assim, ele que trabalhava no Brasil como pedreiro ou auxiliar, não conseguia emprego.

Majolin realizava trabalhos informais em construções. Alguns fiéis da Morag me perguntaram se eu não tinha informação sobre empregos para eles porque queriam muito poder trabalhar.

Em relação ao emprego pude reaver uma situação que já conhecia desde o pré-projeto: o preconceito se apresenta em diversos momentos no trabalho. O Diácono me informou que ao procurar no Sistema Nacional de Emprego (SINE) uma vaga como electricista, função que desempenhava em seu país, escutou que isso seria impossível.

Outro aspecto presente na história de Elysée, e que se repete na vida de muitos haitianos que já conversei, é a luta para trazer a família para o Brasil. Ele quer juntar dinheiro para trazer a mulher Marie Bertude Gaston, de 26 anos, e os filhos Roodyoume Monjoie, de cinco anos, e Woodberline Monjoie, de dois anos e meio. Procurei capturar esse aspecto da distância retratando as mãos segurando o celular com imagens dos filhos.

Pelas imagens também quis mostrar a união presente entre os haitianos, que acabam se relacionando muito mais entre si, do que com brasileiros que vivem na cidade. Mesmo com as dificuldades os fiéis se unem, para por exemplo, pagarem a quantia equivalente a dois salários mínimos do aluguel do salão comercial onde está a sede da igreja. Um desafio significativo nessa primeira etapa de registro foi a barreira da língua. Para suprir isso muitas vezes formulava a pergunta de formas distintas, e com ajuda de uma colega haitiana elaborei um questionário com perguntas que foi traduzido para o crioulo e repassado para os Monjoie por meio da rede social Facebook. Depois disso as respostas foram traduzidas para o português. Também foi complicado manter a dinâmica de fotografar e anotar as informações, por isso, em alguns momentos, optei por desligar a câmera e entrevistá-los.

Procurei alternar diversos planos fotográficos para que o resultado final não se tornasse cansativo para quem visse o livro. Nessa primeira etapa tive certa dificuldade com o foco manual, o que acabou gerando desfoque em várias imagens. Entre estabelecer contatos e iniciar a captura das imagens necessárias foram aproximadamente quinze dias, já efetivamente fazendo os registros foram três dias.

Na cidade de Curitiba também tive que modificar os planos. A princípio tinha estabelecido em janeiro o contato com Amos Saint Juste, músico haitiano que vivia há três anos na cidade e trabalhava de segurança, e que já tinha permitido que eu fotografasse sua família. A ideia seria mostrar dessa vez uma família completa dentro dos moldes tradicionais e de trazer o aspecto cultural da música, mas, quando fui contatá-lo no final de agosto de 2016 para realizar as fotos descobri que eles tinham voltado para o Haiti.

Optei por registrar a história de Pierre Mickenson, de 29 anos, com quem mantinha contato desde o final de 2015. Considerei, nesse caso, que a trajetória de Mickenson

representava justamente a maioria dos haitianos que veio para o Brasil: homens que vieram sozinhos para trabalhar. Pierre vive com Déléard Dieuseul, 44 anos, da mesma cidade chamada Léogâne, que na época dos registros estava no Brasil a menos de três semanas e que se esforçava para aprender a língua portuguesa. A partir dessa etapa decidi em alguns momentos usar o modo vídeo para captar o áudio e não ter que ficar alternando entre o caderno de anotações e a câmera.

Decidi nessa segunda etapa usar o foco automático pontual para corrigir o problema técnico ocorrido em várias fotos obtidas anteriormente. O primeiro registro ocorreu na terça-feira à noite do dia seis de setembro, no mercado de porte médio onde Pierre trabalha, o Dom Bolinha. Não foi difícil obter permissão para registrá-lo. Era um dia atípico na rotina do local, pois no mesmo dia tinha ocorrido um assalto à mão armada uma hora antes da chegada dos funcionários. Nesse sentido, Pierre estava nervoso e ficou durante algum tempo discorrendo acerca do ocorrido. Acompanhei durante mais de duas horas sua rotina de arrumar as prateleiras, as frutas e as verduras. Ele vive há mais de três anos no país e há cerca de um ano trabalha no mercado. Faz um pouco de tudo: entrega água, ajuda como empacotador e a ordenar as prateleiras. Já tinha desenvolvido várias conversas com Pierre, mas somente naquele dia ele me contou os mistérios e as magias de sua experiência com o *vodu*, religião haitiana de matriz africana. Isso foi particularmente interessante, uma vez que é difícil encontrar haitianos que se digam ligados a religião, devido ao preconceito. Infelizmente, não encontrei nenhuma cerimônia *vodu* no Brasil.

No outro dia fui à casa de Pierre que mora praticamente ao lado do mercado, para registrá-lo no preparo do almoço. Ele relata que cozinha a cada dois dias, a comida é compartilhada com o companheiro de casa, Déléard e com um funcionário de 19 anos que trabalha no açougue do Dom Bolinha.

Déléard em um primeiro momento se mostrou tímido, mas ao longo do trabalho foi se soltando. Para que pudéssemos manter um diálogo, nossas conversas foram intermediadas pelo próprio Pierre. Déléard era professor de francês, crioulo e ciências no Haiti, veio para o Brasil tentar uma vida melhor.

Decidi também fotografar Marrie Dieudany Mercy, de 45 anos, que trabalha com serviços gerais e às vezes como empacotadora no Dom Bolinha. Encaixá-la na história não seria complicado uma vez que trabalha no mesmo local que Pierre e ele havia ajudado Marie a conseguir o emprego. Quis mostrar um pouco da história dela, uma vez que tinha como um dos objetivos do livro foto documental contar também as histórias das mulheres haitianas que muitas vezes estão em uma situação de invisibilidade social.

Havia outro diferencial na história de Marrie, que é o fato de ter vindo sozinha para o Brasil, algo raro. Geralmente as mulheres vêm depois de seus companheiros ou junto com eles. Marrie saiu de Porto Príncipe para poder ter melhores condições financeiras e ajudar os cinco filhos que vivem em seu país. Já em Curitiba acabou tendo o sexto filho David Mercy, na época das fotos com cinco meses. O pai nunca assumiu a paternidade, assim ela teve que assumir todas as responsabilidades sozinha.

Na trajetória de Marrie me deparei com várias dúvidas éticas. Sem dúvidas se tratava de uma personagem forte com uma trajetória impressionante, então poderia ter transformado sua história na principal. Por outro lado me indaguei: devo expor a vida de Marrie?

De acordo com Pierre, o pai de David fugiu para o Chile. Já Marrie conta que o menino só leva o seu nome na certidão porque o pai morreu. Quando soube da gestação quis arranjar alguém para ficar com a criança. Pensava que se tivesse um filho perderia o emprego. Não sabia de direitos como a licença maternidade. Por sorte o mercado cumpriu com os direitos trabalhistas e a ajudou com as despesas. Ela também conseguiu uma vaga na creche Colombo II. No dia específico em que a fotografei com o filho, 8 de setembro, feriado da padroeira em Curitiba, não havia creche. Marie havia deixado-o na casa de fiéis da igreja evangélica Avivamento Bíblico que também a ajudam com mantimentos e cuidam de David sempre que ela precisa.

Enquanto amamentava, Marrie me contou que ganha R\$ 900,00 e, desse valor, envia R\$ 500,00 para os outros filhos no Haiti. Depois de amamentá-lo, colocou o filho no carrinho e seguiu em direção à Vila Barigui. Toda a história de Marrie me fez pensar até onde deveria relatar isso. Optei por suprimir a história e colocá-la como personagem secundária da narrativa. Nesse mesmo dia registrei Pierre na academia, atividade que faz no intervalo de almoço do trabalho.

Voltei na outra semana para fazer novamente o registro de Pierre preparando o almoço, porque queria um resultado mais satisfatório em termos imagéticos. Também queria registrar uma imagem de Pierre mostrando uma imagem de seu filho pelo celular. Uma vez que o conheceu pessoalmente. Queria mostrar mais uma vez a relação com a distância. Estar outra vez na casa resultou em uma boa escolha, Déléard estava completamente à vontade, e também começou a tirar fotografias com celular. O resultado foi satisfatório pois as imagens saíram mais espontâneas e com maior qualidade estética.

Já em Palotina percebi que nem sempre os fotografados estão disponíveis ou querem conviver todos os dias com alguém de fora e por mais que tentemos não interferir nas rotinas a própria câmera na mão já é por si só um objeto intimidador. Percebi que esse “respiro” foi

bom para ambas as partes, e que dentro do fotodocumentarismo o passar do tempo é fundamental.

No oeste de Santa Catarina a dinâmica foi diferente. O único contato que tinha na região era de Jean Innocent Monfiston, presidente da Associação Haitiana de Chapecó, porém ele nunca atendia às ligações e não me respondia no Facebook. Em julho, decidi passar rapidamente em Chapecó, uma vez que estava no Rio Grande do Sul me deslocando para o oeste do Paraná. Acabei conhecendo Roger Brown, amigo de Jean, que explicou que Jean tinha voltado com a família no Haiti e que a associação não existia mais. Conheci sua filha de um ano, Rose Marie e sua companheira que estava saindo para o trabalho. Roger estuda Ciências Sociais na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e sua história e de sua companheira poderiam mostrar certa superação. Queria trazer aspectos positivos e mostrar, dentro do possível, diferentes tipos de vidas que viviam aqui. Fiquei com seu WhatsApp e trocamos mensagens. Roger aceitou mostrar sua vida e de sua família.

Porém, as coisas se complicaram. Já estava no ônibus em direção à Chapecó e liguei para ele para confirmar, conforme havíamos combinado anteriormente. Para minha surpresa Roger disse que teria que cuidar de um parente em outra cidade e que não poderia participar. Insisti se não poderíamos nos ver durante a semana, mas ele foi enfático e disse que não.

Não queria coagir ninguém a fazer parte do livro, então tive que mudar os planos. Outro fator de complicação é que gostaria de mostrar uma família nos moldes tradicionais: pai, mãe e filhos. A essa altura já sabia que buscar fontes sem nenhum contato prévio em um trabalho que exige um grau de confiança e proximidade não seria uma tarefa fácil. Como já tinha realizado reportagens sobre a imigração haitiana em Florianópolis, e havia obtido o maior número de informações na Pastoral do Migrante, busquei a mesma em Chapecó. Lá fui informada que eles possuíam contatos mas que, em Chapecó, especificamente, não conheciam nenhuma família composta por pai, mãe e filhos. O próprio contato com os imigrantes do Haiti tinha diminuído depois que associação acabou.

Estava hospedada na casa de duas estudantes da UFFS e elas me informaram que na Universidade haviam estudantes haitianos e mais especificamente um grupo que se articulava particularmente. Conversei com eles, mas nenhum conhecia uma família tradicional e disseram que boa parte dos haitianos estava indo embora. Depois de conversar com vários haitianos que, ou não conheciam nenhuma família, ou não aceitariam participar do trabalho, voltei à Pastoral. Lá consegui o contato de Arlete Conte que faz parte dos Leigos Franciscanos da Igreja Católica e vive no município vizinho, Xaxim. Ela é madrinha de duas crianças haitianas e ofereceu estadia na sua casa.

Os pais de seu afilhado Antony Sanon Alvinz, na época com quase um ano, eram vizinhos de Arlete. Como Arlete possuía um grau de proximidade, por exemplo, levava Antony todos os dias para creche, a aproximação foi facilitada. Do casal Donéze Jules e Pierre Sanon, ambos de 30 anos, conversei primeiro com Sanon na quarta-feira depois de voltar da creche. Ele tem vontade de fazer uma graduação ou conseguir um certificado de mecânico para poder desempenhar a profissão que tinha no Haiti, porém trabalha seis dias seguidos das 5h às 13h20min na fábrica da Rafetec, que faz sacos plásticos para diversos tipos de produtos.

No mesmo dia liguei para os Recursos Humanos da empresa agroindustrial Aurora onde Donéze trabalhava, porque fiquei sabendo que o controle era rigoroso. Fui informada que deveria entregar um papel que explicasse o trabalho, porém como acreditei que isso atrasaria meu trabalho resolvi ir direto, no outro dia de manhã, na Rafetec, sem ligações prévias. Informei no setor de RH o motivo do meu trabalho e me informaram que a empresa tem uma política restrita no quesito imagens. Contornei dizendo que seria rápido e se tratava de um único fotografado em questão. Consegui acesso. Foi necessário colocar uma touca na cabeça e um abafador nos ouvidos. O barulho das máquinas era insuportável mesmo com uma proteção no ouvido. Fui o tempo todo acompanhada por uma funcionária responsável pela segurança no trabalho. Também me solicitaram para não tirar fotos de uma das máquinas. Tive um pouco de dificuldade com a pouca luminosidade, uma vez que o local era uma espécie de grande galpão e o próprio barulho fez com que eu não conseguisse ficar por muito tempo ali. A empresa informou que dos cerca de 1000 funcionários, 100 são haitianos. Ainda pela manhã ligaram da Aurora para avisar que não seria permitido minha entrada, mas que poderia ir lá para conversar no RH.

No mesmo dia, próxima a hora do almoço, fui à casa do casal para fotografar mãe, pai e filho juntos, uma vez que é difícil os três estarem juntos na casa. À tarde Antony vai à creche Tia Prosperina há poucas quadras, Doneze tem que estar por volta das 14h na Aurora e Pierre descansa para depois buscar o filho na creche e preparar o jantar. Nesse mesmo dia, acompanhei Pierre buscando o filho na creche.

No outro dia pela manhã fui à Aurora e insisti mais uma vez para realizar as fotos, nem que fossem apenas planos detalhes para que a fábrica não fosse identificada. Disseram que iam averiguar, no entanto nunca obtive resposta. Lá fiquei sabendo que nos últimos três meses mais de 30 haitianos, que eram funcionários antigos, pediram demissão porque iam embora do país. De acordo com dados disponibilizados pela Aurora, em 2014, nas 15 unidades espalhadas pela região de Chapecó, haviam mais de 500 funcionários.

Na mesma manhã fotografei mãe e filho. Doneze, que trabalha no setor de corte de frangos da Aurora, me relatou suas condições de trabalho. Disse que sente constantes dores nas mãos e nas articulações, que o local é resfriado e os funcionários utilizam protetores no ouvido e roupas térmicas, mas mesmo assim sente dores. No final do mês recebe R\$ 1050,00 porque R\$ 200,00 são descontados para as roupas. Existem pausas de 20 minutos a cada duas horas. Ela espera, como Pierre, que já trabalhou na Aurora, conseguir um emprego na Rafitec para não ter de lidar com a dor no corpo. Da mesma forma que outros homens e mulheres haitianos que trabalham na Aurora me informaram, Doneze reiterou que, de fato, eu não conseguiria entrar na empresa. Valendo-se da perspectiva de Boni (2008) que considera o trabalho fotodocumental como um mecanismo de denúncia social e também como ferramenta de pesquisa antropológica, tentei abordar a questão das dores dos trabalhadores da fábrica Aurora.

Mesmo com a dificuldade da língua pude conhecer a história de Doneze, o que era fundamental, uma vez que queria utilizá-la como personagem chave para mostrar as histórias das mulheres haitianas que não aparecem nos veículos de comunicação. Tive a oportunidade de comer em sua casa a banana frita típica haitiana e enquanto cozinhava ela pode contar com a ajuda dos vizinhos haitianos que vivem no mesmo terreno e cuidam de Antony para que desenvolva as atividades domésticas. Pude também presenciar um momento de intimidade enquanto ela dava banho em Antony para ir na creche.

No sábado de manhã, e último momento que acompanhei a rotina da família, fotografei Doneze lavando roupa com o primo Esau, com quem chegou ao Brasil. Alguns instantes demonstraram que aquilo era mais que uma atividade doméstica, era, sobretudo, uma hora de interação social. Foram no total cinco dias em contato com a família e outros quatro fotografando.

A última etapa de registros foi realizada no início de outubro em Florianópolis. Decidi fotografar estudantes da própria Universidade Federal de Santa Catarina como forma de mostrar outras perspectivas de haitianos no Brasil, uma vez que o senso comum considera que esses imigrantes só vêm ao Brasil para efetuar trabalhos vagas que não foram preenchidas. Parti do pressuposto que família não necessariamente possui laços sanguíneos, mas laços afetivos congruentes, conforme assinalado por Noronha e Parron:

[...] enxergar sob a ótica do princípio do pluralismo é admitir e dar crédito às variadas organizações familiares, que a partir do vínculo da afetividade, surgem de forma cada vez mais intensa no meio social; fato este que não pode ser ignorado tanto pela sociedade quanto pelo legislador (NORONHA; PARRON, 2015, p.11)

Em agosto de 2011, ao chegarem na capital de Santa Catarina, os cerca de 30 estudantes haitianos que tinham se inscrito em um programa emergencial do governo brasileiro para estudar em Universidades Públicas deste país e poderem concluir os estudos interrompidos pelo terremoto de 2010, não tinham nenhum contato e tiveram de se apoiar uns nos outros. Foram justamente as relações de afeto e a identificação mútua que proporcionou a esses estudantes uma adaptação à nova sociedade na qual estavam inseridos. Noronha e Parrone salientam a importância da afetividade nas relações.

À medida que o Estado estabelece para seus cidadãos um leque imenso de direitos individuais e sociais a fim de que se assegure a dignidade de todos, transparece o princípio da afetividade que, mesmo não sendo expresso em palavra, tem um valor amplo e um campo de incidência alargado. Nesses arranjos, com a "aceitação" das uniões estáveis, as famílias monoparentais bem como outras entidades diversificadas, demonstram que o afeto foi consagrado à direito fundamental. (NORONHA; PARRON, 2015, p.13)

Optei por fotografar três deles: Jean Samuel Rosier, mestrando em economia pela UFSC; Nahomie Laureore, que recebeu o diploma de jornalista em agosto de 2016; e Sandra Sanon, estudante de arquitetura. Samuel e Nahomie são amigos bastante próximos. Já Sandra e Nahomie moraram durante algum tempo juntas. Quando chegaram, os três eram bem ativos dentro do grupo que organizava vários encontros para discutir desde questões de permanência, até como poderiam contribuir para o desenvolvimento do Haiti, com os conhecimentos adquiridos. Durante os anos chegaram também a organizar festas como a de Independência do Haiti para divulgar a cultura na comunidade. Hoje, as relações esfriaram devido às responsabilidades individuais e o fato de vários membros terem se formado, saído do país ou mesmo continuado mestrados e doutorados em outras regiões do Brasil, mas nenhuma das três personagens descarta a importância que essa união teve para eles.

O mais difícil dessa etapa foi tentar conciliar três rotinas simultaneamente. Em um dos dias, por exemplo, acompanhei Nahomie em um curso de manipulação de alimentos e em uma reunião dos imigrantes que iriam participar da feira dos imigrantes. Não pude acompanhar essa última parte inteira, porque tive que me deslocar do Centro à Carvoeira para registrar Samuel na Igreja evangélica Palavra Viva. Outra situação diferente foi o fato de ser bastante próxima de Nahomie, o que me levou a indagar se era ético realizar o trabalho com ela. Porém, considerando que no trabalho fotodocumental quanto maior o nível de proximidade mais real vai ser o acompanhamento da rotina e mais espontâneas as fotos serão, decidi mantê-la no trabalho.



Durante essa semana também presenciei a situação mais angustiante em relação a um fotografado. Justo naquela semana, no dia 3 de outubro, o furacão Matthew atingia o Haiti, principalmente a região sul do país. A cidade de Jeremie, onde Sandra cresceu e tem parte da família vivendo, foi uma das mais afetadas. Durante aquela semana ela não conseguia contato com as suas duas irmãs que viviam na cidade, apenas com a mãe, que atualmente mora em Porto Príncipe. Ao ir fotografá-la na aula de Tango, que é sem dúvida um dos momentos mais libertadores para ela e onde estão seus amigos mais próximos, encontrei Sandra no banheiro. Ela estava encostada na parede e conversando com uma amiga. Lágrimas escorriam de seu rosto. Sandra se sentia culpada por estar longe da família em um momento como aquele. Queria ter notícias das irmãs. Decidi não registrar esse momento de fragilidade. Sentei ao seu lado e escutei junto com a amiga o desabafo, mas, a todo o instante me perguntava: o que se diz para uma pessoa em uma hora dessa? Já não estava mais em Florianópolis, quando ela me contou que por sorte nada acontecera com as irmãs, mas que a casa onde cresceu havia caído.

Foram no total cinco dias seguidos fotografando, além do dia da colação de grau em jornalismo, no dia 24 de agosto, totalizando seis dias de capturas.

### **3.2.1 Formato e Estrutura Narrativa**

A estrutura do livro foto documental foi se delineando ao longo do processo de produção e depurada no processo de edição. No decorrer dos registros e das entrevistas busquei trazer o fotodocumentarismo (em alguns momentos associado à denúncia social) como forma de registrar esse importante momento da história da imigração no Brasil. Por meio de um olhar sensível busquei ao máximo reforçar marcas identitárias presentes dentro do universo dos fotografados, como a união e o sentimento de comunidade entre os próprios haitianos que se esforçam sobre maneira para ajudar amigos e compatriotas que, muitas vezes eram desconhecidos no país de origem. Desse modo, quis aproximar os observadores dessas imagens às vivências dos haitianos que aqui residem, como Andrade salienta ser necessário.

Aprendemos a ver apenas o que praticamente precisamos ver. Atravessamos nossos dias com viseiras, observando apenas uma fração do que nos rodeia. Os homens modernos não são bons observadores, e o uso de uma máquina fotográfica pode auxiliar sua percepção (ANDRADE, 2002, p. 54).

Procurei justamente retirar essas “viseiras” conforme assinalado por Andrade, para tentar elucidar fatos que não foram noticiados pela grande mídia, que estava preocupada apenas com o impacto econômico dessas imigrações. Busquei justamente o contrário:

humanizar as personagens, mostrar suas características individuais, seus anseios, suas dúvidas, seus sonhos. Assim acreditava que geraria um sentimento de identificação em relação a quem folheasse o livro foto documental e instigasse a reflexão: essas pessoas têm suas histórias de vida, e não são unicamente estatísticas numéricas para preencher vagas que não estavam ocupadas.

Para gerar essa identificação parti daquilo que Peirano (1995) analisa como essencial dentro da etnografia, que é trabalhar a especificidade do caso dentro de um panorama universal, mas isso só é possível tanto na fotografia, quanto na antropologia, com o aprimoramento do olhar, isto é, com a observação aguçada do objeto de estudo ou, nesse caso, com a história dessas famílias. Conforme, esclarece Andrade (2002),

Se observarmos atentamente, fazemos parte do mundo e não apenas estamos nele. Quanto mais mergulhamos naquilo que enxergamos, mais conhecemos do objeto e de nós mesmos. Tecemos nossas conclusões pelos fragmentos e recortes. Tecemos um olhar por fotografias. Tecemos um olhar pela antropologia. (ANDRADE, 2002, p. 55).

Para ter o olhar aprimorado e me encaixar dentro de uma perspectiva fotodocumental foi essencial fazer um acompanhamento de rotinas. Tentei ao máximo me aproximar da pergunta: como vivem essas pessoas? A ideia à princípio, conforme elucidado anteriormente, era acompanhar durante sete dias cada uma das quatro famílias, nas quatro cidades. Já em Palotina percebi que isso não seria possível, uma vez que tinha decidido respeitar o tempo pessoal de cada um dos envolvidos, os visitava sempre que eles queriam ou podiam, adaptando-me às suas necessidades. Não pude deixar de notar a importância das primeiras conversas serem sem o obturador disparando a todo momento. O primeiro contato era essencial para gerar um sentimento de identificação e segurança mútua. Por segurança mútua refiro-me a algo que até começar a parte prática deste projeto não tinha me dado conta: além da necessidade de gerar confiança nos fotografados para superar a barreira inicial, o contrário também deveria ser verdadeiro. Eu precisava estar segura para poder realizar o trabalho, por isso escolhi histórias de pessoas com as quais me identifiquei, e que me davam segurança, uma vez que, na maior parte das vezes, estava fotografando sozinha.

Nesse primeiro contato procurava esclarecer ao máximo o objetivo do trabalho e como essas imagens seriam usadas. Só iniciava o processo depois de ter certeza que os envolvidos compreendiam a proposta. No primeiro contato, além de conhecer um pouco de suas trajetórias pessoais, também contava um pouco da minha. Isso se dava de forma bastante natural e as perguntas surgiam dos próprios fotografados. Considerava mais do que justo essa

forma de diálogo, pois uma relação mais próxima e horizontal era essencial para a confiança e o acompanhamento mais fiel da rotina das famílias.

Deixei que as coisas transcorressem naturalmente e procurei não interferir nos ambientes. Os únicos momentos que posso considerar mais “dirigidos” foi quando pedi a Pierre Mickenson e Elysée que mostrassem as fotos de seus filhos no celular para captar a ideia da distância e da saudade. Optei também por suprimir certos detalhes da vida amorosa dos fotografados que poderiam deixá-los muito expostos.

Também respeitava as escolhas e iniciativas das personagens: Doneze me pediu para que seu seio não aparecesse enquanto amamentava o filho. O primo dela, Esau, não quis ser fotografado de cócoras lavando roupas. Nesse sentido, tentei contrabalancear aspectos dramáticos e mais alegres, uma vez que a fotografia, conforme sugere Barthes (1980) traz um afeto que não é desencadeado apenas por um texto. Em outras palavras, ela nos chama a ter um breve “diálogo” com a situação do outro apenas pelo olhar, pois, assim, busquei uma dinâmica que mostrasse vários aspectos a fim de tornar o todo mais real e menos sensacionalista:

É com base nessa tênue relação entre a visão do observador e a coisa observada que podemos estabelecer paralelos entre a antropologia e a fotografia, e também mostrar como a imagem elaborada com determinados cuidados complementa essa comunhão. Essa imagem acontece quando o observador está atento às coisas que observa. A experimentação de certos sentimentos que o outro desperta em momentos de pesquisa pode transformar-se em um apoio importante para a antropologia e para um conhecer mais aprofundado em grupo. Da mesma forma a fotografia como um meio de expressão, pode nos fornecer uma visão ampliada das coisas alheias. (ANDRADE, 2002, p. 26)

Havia momentos que essa observação se dava somente pela conversa sem que eu anotasse ou fotografasse. Em outros anotava pontos, frases relevantes e também anotava cenas visuais: cores, imagens e sensações que tive naquele momento. Também utilizei o recurso de captar o áudio com o modo de vídeo da câmera, dessa forma ao iniciar o processo de escrita poderia constituir uma espécie de paisagem sonora essencial para o momento de criação da linguagem textual. Desde a concepção do pré-projeto já tinha em mente que gostaria que as legendas fossem literárias e maiores que o habitual, como forma de traçar um panorama mais detalhado ou “fotografar pelas palavras” a história das personagens. Em meu entender isso ajudaria a traçar um olhar mais humanizado ao processo, bem como daria “voz” às personagens, trazendo um pouco mais de cada uma delas para compor um mosaico de identidades, formado pelos meus olhares e pelas múltiplas vozes que compõem as narrativas, por isso foi essencial diálogos longos e anotações específicas. Essas anotações e os áudios

eram transcritos depois que encerrava a etapa fotográfica com a família. Mantive contato com os fotografados por meio da rede social *Facebook* e usei esse adendo para pegar informações adicionais que considerei necessárias e esclarecer algumas dúvidas que me surgiram.

### **3.3 Edição/Finalização**

O processo de edição foi bem mais trabalhoso do que tinha imaginado. Não saberia contabilizar quantos entrevistas foram efetuadas ao longo de todo o processo (pré-projeto e projeto). São apresentadas de modo mais ou menos detalhado a história de 11 personagens. Foram no total 18 dias fotografando as personagens que aparecem dentro do livro fotodocumental. O material bruto rendeu 49,59 GB e 3.688 imagens. Todas as fotografias foram feitas em RAW com uma versão em JPG para que pudesse fazer uma pré-visualização.

As legendas foram feitas ao longo dos meses de setembro e outubro de 2016. Antes de realizar as legendas reli as anotações e diálogos escritos, bem como escutei os áudios que tinha gravado e fui, aos poucos, reconstituindo mentalmente as cenas. O processo de escrita foi demorado, uma vez que “enxergar” uma história relacionando fotografia e escrita não foi tão fácil assim. Conforme finalizava a etapa fotográfica em cada uma das quatro cidades fui realizando uma pré-seleção e edição das fotos que considerei mais apropriadas à temática que gostaria de abordar em cada lugar e à narrativa do livro como um todo.

Essa pré-edição foi realizada no Adobe Photoshop, somente para visualizar as imagens que, de modo geral, funcionaram melhor dentro de uma estética em preto e branco. As primeiras legendas que escrevi foram da cidade de Palotina e se constituíram nas mais difíceis. Para as legendas das outras três cidades optei por abrir um PowerPoint e ir colocando as fotografias que gostaria de usar para desenvolver a narrativa. Esse processo simples me ajudou muito na composição da narrativa.

Algo que fez com que o desenvolvimento da narrativa levasse mais tempo do que o planejado foi a dificuldade pessoal de concisão. Tive que pensar muito para escrever de modo mais resumido a ideia que tinha para cada legenda, para não transformá-las em textos extensos.

Tanto nas fotos quanto nas legendas procurei utilizar a ideia de identidade proposta por Hall (2011), para o qual elas não são fixas e sim culturalmente construídas e em constante mutação. Para Hall a identidade é formada pelas mudanças e antagonismos dos indivíduos. O autor afirma:

Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas,

mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história. (HALL, 2011, p 4).

Embora a fragmentação dos fluxos de população haitiana possa soar negativa, Hall (2011) considera que são essas articulações que modificam as identidades do passado para formar os novos sujeitos próprios do mundo contemporâneo.

Durante o processo de construção da narrativa tentei ter o cuidado de pensar no projeto e no livro de uma forma total, ou seja, me preocupei em criar legendas que pudessem me ajudar a contar uma grande história, mesmo que dividida em quatro capítulos. Gostaria que as imagens funcionassem de três modos distintos: cada imagem com sua respectiva legenda poderia ser “lida” e entendida isoladamente; cada conjunto de imagens poderia constituir-se em um história autônoma dadas suas particularidades; ou o livro todo poderia ser entendido como uma única história pelas afinidades entre as histórias.

Para dar força, a cada uma das personagens evidenciei características marcantes “Os olhos tímidos e silenciosos”, “Os pés que não gostam de ser fotografados com calçados descolorados pelas marcas do senhor tempo”. No caso das crianças busquei associar as imagens delas as das plantas, para simbolicamente trazer a ideia de que são elas as novas sementes que criam raízes nessa terra, “indiquem a fome do menino flor pelo néctar”, “observam a beleza de Danicha, a menina planta”.

Procurei também evidenciar a escrita autoral. Nesse sentido, estão presentes algumas figuras de linguagem que caracterizam e dão forma ao texto. Como, por exemplo:

- \* Eufemismo: “Os olhos que se fecharam da mãe Lercélie Paraison”;
- \* Aliteração: “Zumbe o zéfiro”;
- \* Personificação: “Mas, o vento vez outra se enfurece”.

Em duas das histórias evidenciei características que se repetiam no contexto todo, como as formas circulares de Xaxim: “A bicicleta dele vai girar sem dificuldade na longa ladeira”, “A rotina circular do carrinho, da bicicleta e dos tubetes ocorre das cinco e trinta à uma e vinte, a cada seis dias”. Em Florianópolis foi a questão do vento associado à destruição e também à liberdade: “Quiseram dar nome bonito ao furacão Mathew. Mas foi o vento”, “Quem sabe o vento desenhe uma oportunidade como a do amigo Samy por essas terras”, “É que ela foi criada que nem borboleta que fez casulo, mas sabe que vai voar”.

Nas falas das personagens optei pelo travessão ao invés das tradicionais aspas jornalísticas. Tal característica confere um ar literário e engrandece aquilo que está sendo dito pelas vozes. Escolhi as frases de maior importância, apelo e significado dentro de cada uma

das histórias. Por exemplo, quando Elysée traduz a fala do primo Roberto “– Ele tá te perguntando para você se você não sabe de trabalho, ele é pedreiro” dá voz a uma situação pontual dos haitianos que buscam trabalho, mas não encontram na cidade de Palotina.

Durante a narrativa busquei dar voz e espaço às mulheres, uma vez que esse era um dos aspectos que mais me angustiava nas reportagens da grande mídia. Se as histórias dos haitianos homens tinham pouco destaque, as das mulheres sequer existiam. Por isso, nas narrativas de Xaxim e Florianópolis, elas estão em primeiro plano, por meio das vozes de Doneze, Nahomie e Sandra.

Contrabalanceei a falta de palheta de cores nas fotos trazendo matizes para a escrita “com suas saias pretas e blusas vermelhas, os homens do coral com suas camisas coloridas”, “O sorriso se pinta como arco-íris de infinitas cores”, “Onde as casas antigas se pintavam de cores assimétricas”. Também tomei a liberdade de criar dois neologismos por não encontrar palavras que expressassem aquilo que queria dizer *indecidem* e *centimétrica*. Para conferir uma ligação maior entre as quatro histórias, associando que, embora em contextos diferentes, são todos imigrantes haitianos no Brasil, coloquei a frase “Mas, por hora surgem outras construções e outras histórias, porque imigrar é corrente que pulsa e que vai sem se importar se é veia ou artéria” que serviu também para resumir sonhos e expectativas de todo estrangeiro que está fora de seu país. E nesse caso usei a licença poética de escrever *hora* ao invés de *ora*, para reforçar o sentido de tempo.

Decidi apresentar os capítulos em ordem de tamanho das cidades, da menor para a maior: Xaxim, Palotina, Florianópolis e Curitiba. E como a cidade de Curitiba seria a última coloquei na legenda final uma espécie de finalização. Ao iniciar o capítulo há uma foto de abertura que traz algum ou alguns dos fotografados presentes naquela história e uma epígrafe de poesia haitiana. Cada uma das cidades é relacionada a um elemento da natureza e ele está presente no título de cada capítulo. Em Xaxim é “Terra que planta”, no sentido de estarem construindo uma família e construindo raízes no Brasil. Em Palotina é “Água que rega” uma vez que Elysée, o Diácono, tenta regar sua fé com a Morog. Em Florianópolis, “Vento que sopra”, pois a história é toda relacionada ao vento no sentido de destruição e liberdade. Em Curitiba é “Fogo que balança” porque todas as personagens, assim como o fogo estão indecisas, em diversos aspectos de sua vida. Desse modo, também pude criar uma conexão entre todos os títulos. Outra forma de criar relação e trazer outros sentidos à cada história são as epígrafes com pequenos trechos de poesias de escritores e escritoras haitianas. Já o título *Chèche Lavi: As histórias de quatro famílias haitianas no sul do Brasil*, foi pensado porque

*Chèche Lavi* é uma expressão em crioulo que significa “buscar os seus sonhos”, o ponto em comum entre todas estas vidas.

As colegas Samantha Sant’ana, Larissa Gaspar e minha irmã Sarah Possamai Kons me ajudaram com as correções gramaticais da parte textual. Já Nahomie Laureore me ajudou a corrigir palavras e sobrenomes em francês. As opiniões de Miriam Irinéia, Elian Woidello e da Orientadora Flávia Guidotti também foram fundamentais para o desenvolvimento desse projeto.

A segunda etapa consistiu na edição das fotografias. Mesmo que seja possível editar no programa Adobe Photoshop nesse caso a edição seria mais satisfatória e eficiente pelo programa Lightroom, já que fotografei em RAW. Como não sabia utilizar o software, realizei vídeo-aulas no portal Eduk. Ali, durante mais de seis horas de aulas, pude aprender os princípios básicos da edição e exportação de fotografias. Fiz uma seleção mais apurada selecionando 62 fotos para serem editadas na versão final. Depois escolhi as 42 fotos que estão presentes na versão final. Importante destacar que nessa etapa estavam presentes somente imagens que se encaixavam com as legendas e ajudavam a compor a narrativa. Contei com a ajuda do repórter cinematográfico Juliano Dallarmi Mion para a edição das fotografias.

Como as fotos seriam em preto e branco e haviam sido tiradas em RAW e cores, afim de preservar o maior número de informações das imagens, Juliano me ajudou a criar um *preset* em PB que desse “suavidade” às imagens e que todas as informações visuais das imagens pudessem ser visualizadas, acrescentamos também um tom levemente granulado para dar certa unidade ao conjunto das 42 imagens, que deveriam ter as mesmas características. Passado isso, iniciei as correções específicas de cada uma delas. De forma geral, elas serviram para balancear a concentração do branco e do preto. No caso específico da imagem de Nahomie na formatura precisei aumentar levemente a exposição e diminuir o ruídos da imagem. Na imagem de Marie segurando a bíblia na Morag, aumentei levemente a luz para não ficar dissonante do restante das fotografias no local. Na hora da exportação utilizei uma opção dada pelo software que aumentava um pouco a nitidez das imagens e outra para fotografias que vão ser impressas em papel opaco. Não realizei nenhum tipo de corte e/ou manipulação nas fotografias.

Em suma, busquei criar um livro fotodocumental que não se ativesse à objetividade da fotografia noticiosa e nem estivesse preso aos grandes acontecimentos ou às personagens “notáveis”, mas sim tentei capturar os cotidianos, suas culturas e seus costumes; as

peculiaridades que não encontramos nos jornais e nas revistas, mas que são de suma importância para história atual de nosso país.

A diagramação do livro foi feita com a ajuda da colega Elva Gladis, conferindo um total de 108 páginas.



## 4 RECURSOS

### 4.1 Equipamentos

Todas as fotografias presentes neste trabalho foram feitas com a câmera Nikon D300s e uma lente 50mm da mesma marca. Os recursos foram pessoais sem auxílio de uma instituição.

<b>Descrição</b>	<b>Preço Aproximado</b>	<b>Origem</b>
Nikon D300s	R\$ 6000,00	Recursos Próprios
Objetiva 50mm (1.8)	R\$ 544,00	Recursos Próprios
Hd externo	R\$ 249,00	Recursos Próprios
Cartão de memória	R\$ 38,70	Recursos Próprios
Projeto Gráfico	R\$ 3.700,00	Voluntário
Impressão de teste	R\$ 30,00	Recursos Próprios
Impressão livros	R\$ 513,00	Recursos Próprios
<b>TOTAL</b>	<b>R\$ 11.074,00</b>	

### 4.2 Outros

As demais despesas foram com transporte e alimentação. Não houve custo de estadia. Na cidade de Palotina fiquei no sítio da minha avó, que fica há 30 km da cidade; em Florianópolis na casa de amigos; em Xaxim e Chapecó também tive estadia fornecida; e Curitiba é a cidade onde atualmente vivo. Isso ajudou a reduzir o custo final do trabalho, uma vez que ficava pelo menos uma semana em cada local.

Deslocamentos	Descrição	Preço Aproximado	Origem
Ônibus	Toledo- Curitiba	R\$ 143,11	Recursos Próprios
	Curitiba-Florianópolis (6)	R\$ 380,84	Recursos Próprios
	Curitiba-Chapecó (2)	R\$ 230,80	Recursos Próprios
	Palotina-Toledo (4)	R\$ 40,00	Recursos Próprios
	Chapéco-Xaxim	R\$ 10,00	Recursos Próprios
Táxi	Chapecó	R\$ 18,00	Recursos Próprios
Alimentação		R\$ 300,00	Recursos Próprios
TOTAL		R\$ 1.122,75	

## 5 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Desde o primeiro semestre de 2015 quando me envolvi com a temática dos novos fluxos migratórios, principalmente dos haitianos, percebi que esse era um tema tratado na maior parte das vezes de modo superficial, sempre abordando-se a questão do impacto que isso gerava nas cidades brasileiras. A partir daquele momento comecei a questionar-me: E o impacto na vida dessas pessoas? Como é sair do sua terra de origem para um outro país desconhecido e sem rumo certo?

Considere as matérias e reportagens que haviam sobre a temática superficiais e numéricas. Sabia que desejava entrar mais a fundo na vida dessas pessoas. Então, durante a disciplina de pré-projeto comecei a refletir em como fazer isso. Decidi aliar a fotografia documental (com a qual já tinha tido uma breve experiência no decorrer da graduação) para trazer um lado mais humano à temática. Mostrar aqueles rostos citados como massa numérica, mostrar quem são essas pessoas e qual seus sonhos e expectativas, esse era o meu desejo.

Já no início da etapa fotográfica percebi que a falta de tempo seria uma das maiores dificuldades. Uma vez que o fotodocumentarismo não se faz de um dia para o outro. A questão do vínculo e da confiança mútua é essencial para que o trabalho seja humano e sincero. Acredito que se houvesse mais tempo conseguiria chegar ainda mais perto do âmago de cada uma das pessoas presentes nas imagens e, possivelmente, saberia mais detalhes de cada uma das histórias, principalmente nas cidades de Palotina e Xaxim onde até então não tinha nenhum grau de intimidade com as famílias. Apesar disso consegui desenvolver um grau de intimidade com cada um deles que não teria a oportunidade de ter durante a apuração para uma notícia ou reportagem. Manter uma rotina de mais de um dia de acompanhamento foi fundamental para compor uma história mais verdadeira e rica em detalhes.

Outra dificuldade enfrentada foi a barreira da própria língua, que vez ou outra dificultava os diálogos. Caso tivesse tido disponibilidade de mais tempo para a realização do trabalho, teria feito aulas de crioulo para me comunicar melhor.

Noto que se tivesse maior experiência teórica e prática em fotodocumentarismo o resultado final poderia ter uma qualidade mais satisfatória. Talvez também não sentisse uma angústia tão grande quando as coisas saíam do planejado, ou ao intuir que de alguma forma poderia estar me aproveitando de tão belas trajetórias de vida.

A construção das legendas de modo que pudesse complementar o que cada uma das imagens trazia e, ao mesmo tempo, formar uma narrativa coesa e que se aproximasse de uma história literária, sem fugir do jornalismo, não foi algo fácil. Levei muito mais tempo do que imaginava para elaborar essas histórias fotodocumentais.

Tenho convicção de que cada uma das pessoas e histórias que conheci ao longo dos últimos meses foi fundamental para minha formação profissional e, principalmente, pessoal. O trabalho fotodocumental me ensinou a acreditar no jornalismo enquanto modificador social e me mostrou minha força como agente dessas modificações. Espero, ao longo dos próximos anos, continuar desenvolvendo este projeto e expandindo-o, pois a história da imigração haitiana no Brasil não se encerra em 42 fotografias ou 108 páginas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Rosane de. **Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro**. São Paulo: Estação Liberdade; EDUC, 2002.

ANÍBAL, Felipe. Xenofobia se converte em agressões contra imigrantes haitianos. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/xenofobia-se-converte-em-agressoes-contra-imigrantes-haitianos-ef4atki1925lz2d0e34rtiudq>>. Acesso em: 19 out 2014.

ASSIS, Glaucia. **Entrevista concedida à repórter Luiza Kons**. Florianópolis: junho de 2015.

BARTHES, Roland. **A câmara clara** - nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A, 1980.

BONI, Paulo. O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade. **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Trabalho apresentado no VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Natal (RN): INTERCOM, de 2 a 6 de setembro de 2008.

CAVALCANTI, Leonardo. **Imigração e mercado de trabalho no Brasil: Características e tendências**. Periódicos UNB, Brasília, 2015.

COLLECTIF HAITI DE FRANCE. **Situation des Haïtiens migrants en République Dominicaine**. Disponível em: <<http://www.collectif-haiti.fr/republique-dominicaine.php>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

DIAMOND, Jared. **Armas, germes e aço: os destinos das sociedades humanas**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FORIN JÚNIOR, Renato; BONI, Paulo César. Aspectos valorativos no fotodocumentarismo de Sebastião Salgado. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 12, jul./dez. 2007

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: D&PEditora, 2011.

LOMBARDI, Kátia. **Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea**. Discursos fotográficos, Londrina, v.4, n.4, p.35-58, 2008.

MELLO, Patrícia Campos. EUA querem que Brasil receba de volta haitianos que deixaram o país. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/11/1828453-eua-querem-que-brasil-receba-de-volta-haitianos-que-deixaram-o-pais.shtml>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na História do Brasil: fotojornalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Desiderata, 2015.

NORONHA, Maressa Maelly Soares; PARRON, Stênio Ferreira. A evolução do conceito de família. Nova Andradinha: Facinan, 2016. Disponível em: <<http://faculadefinan.com.br/pitagoras/downloads/numero3/a-evolucao-do-conceito.pdf>> Acesso em 23 out. 2016.

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, RJ: Dumará Distribuidora de Publicações Ltda., 1995.

PETRONE, Maria Theresa. Política imigratória e interesses econômicos: (1824-1930). In: Emigrazioni europee e popolo brasiliano. **Atti del Congresso euro-brasiliano sulle migrazioni** (1985: São Paulo). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1987. p. 257-269.

PRADO, Emílio Sant'anna Avenir. Para fugir da crise, haitianos trocam o Brasil pelo Chile. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2016/05/1768958-para-fugir-da-crise-haitianos-trocam-o-brasil-pelo-chile.shtml>> Acesso em: 8 mai. 2016.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SPAUTZ, Dagmara. Imigrantes deixam Santa Catarina para fugir da crise econômica. **O sol diário**. Disponível em: <http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/cidades/noticia/2016/08/imigrantes-deixam-santa-catarina-para-fugir-da-crise-economica-7296176.html>>. Acesso em 19 ago. 2016.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações**. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 95 f. il. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012.

